



A POESIA É NECESSÁRIA

Muito de ti

EDGARD BRAGA

Muito de ti, um pouco
Em tôda parte
Está comigo,
Anda comigo,
Espalha não sei que perfume
Cria a malícia
Nos olhos vesgos do mundo.

Na minha grava,
No peito branco
Da minha camisa
Rosa vermelha.
Até no meu passo,
Até no meu lenço,
No meu relógio,
No meu cigarro
Um pouco, muito de ti.

Em qualquer parte
O teu retrato
Meus olhos vêem.
Sentem meus olhos,
O meu olfato
Tua presença
Aérea insistente
Como a aragem
Que mexe as fôlhas
Que encrespa os lagos,
Que sopra as penas
Dos passarinhos.

Muito de ti
Nos meus desvelos,
No livro, no quarto,
Na rua, no mundo,
Neste complexo
Silêncio, morno
Do pensamento,
Que gera desejos
Prolonga a hora,

Dorme cansado
Da noite ausente
Do teu segrêdo.

Muito de ti
No meu presente
Mais que perfeito
Do meu passado.

Geralmente "o que é Braga é bom", mas quando conheci Edgard Braga em S. Paulo ele tinha 40 anos, era bom médico e excelente sujeito, mas sua poesia era dura, não era boa; como lhe devia um grande favor fiquei no maior embaraço ao receber seu livro "Lâmpada sôbre o alqueire" e acho que nem agradei. Pois o poeta melhorou belamente nas "Odes" (1951) e no "Albergue do Vento" (1952) e tenho pena de não ter à mão neste momento nenhum desses dois livros para poder publicar aqui um poema ainda melhor que esse "Muito de Ti", que transcrevo da "Antologia" do Clube de Poesia de S. Paulo.

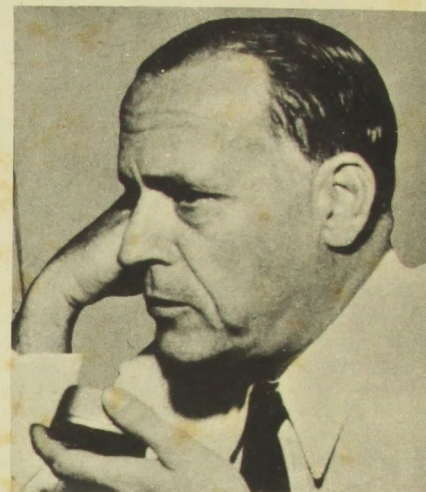
Edgard Braga é alagoano, e vive em S. Paulo; médico puericultor de alto conceito. Casos como o seu — do poeta ficar mesmo bom perto dos 50 anos — devem ser muito animadores para alguns rapazes da "geração de 45".

Os prêmios do concurso

No número 98 de MANCHETE, foi anunciado aqui o resultado do concurso para a tradução de um soneto de Cummings. Em primeiro lugar, classificaram-se R. Magalhães Jr. e Daniel Martins Júnior; em segundo e terceiro, Nepomuceno de Araújo e Ivo Barroso. Os prêmios acham-se à disposição dos interessados na redação de MANCHETE.

DUAS PÁGINAS DE **Rubem**

GENTE DA CIDADE



*Paulo Sampaio,
da aviação*

Paulo de Oliveira Sampaio nasceu em Londres em 1907; seu pai, o engenheiro Carlos Sampaio, foi o Prefeito do Centenário, que desmontou o morro do Castelo, saneou a Lagoa Rodrigo de Freitas, abriu a avenida Niemeyer, etc.

O menino é pôsto a estudar ao mesmo tempo na França e no Brasil; cresce assim, vivendo oito meses por ano lá e quatro aqui; jamais cessará de viajar. Forma-se em engenharia no Rio e em Paris, mas desde os 20 anos começa a voar, consegue intrometer-se na Escola de Aviação Naval, é o primeiro civil a tirar o "brevet". Em 1932 perde um cunhado, oficial de Marinha, em Cunha, e se apresenta voluntário contra os paulistas; serve dois anos na base de São Sebastião, escapa de morrer uma vez em Pôrto Alegre ("barbearagem típica de piloto metido a ser o tal" — confessa) e outra perto do Rio, quando o avião se incendiou e ele saltou de pára-quadras, o que nunca fizera antes.

Funda a primeira companhia de taxi aéreo do Brasil, e ele mesmo é piloto; tem também uma companhia de representação de aviões. Trabalha também como engenheiro em várias companhias.

Quando se organiza o Departamento de Aeronáutica Civil, é chamado para chefiar a inspeção aeronáutica; estuda em detalhe, apaixonadamente, os problemas da aviação, tanto na parte industrial como operacional. A convite dos americanos, passa um ano estudando essas coisas nos Estados Unidos. Na volta, é a guerra, e o segundo tenente da reserva (ele o é até hoje) se apresenta. O Ministro Salgado pede-lhe para estudar a delicada situação das companhias estrangeiras de aviação que fazem linhas domésticas no Brasil. Dedicar-se ao caso da Panair, cujo capital brasileiro é ridiculamente de 500 mil cruzeiros; consegue fazer com que aos brasileiros caibam 42 por cento das ações, e mais tarde (como agora) 52 por cento. Esse grande admirador da técnica e da organização americanas é também um grande admi-

rador de nosso caboclo e um nacionalista pragmático; quando os americanos o acham incômodo e querem alijá-lo, reage, luta, e fica. Através de crises graves, expande a Companhia dentro do Brasil e pelo mundo a fora; hoje ela opera em 16 países e domina o Atlântico Sul com o maior volume de tráfego. Quem viaja pela Europa vê em cada escritório da Panair uma ilha brasileira, com jornais e cafézinho da terra.

Fuma pelo menos seis maços de cigarros americanos por dia, toma seu uísque bem, acha que a melhor cidade do mundo é o Rio e o melhor lugar do Rio é o Country Club, do qual é sócio de nascença, pois o pai foi fundador. Casado, quatro crianças, cara de mau. Praticou polo, natação, remo, vela, vôlei; aos domingos vai ao Maracanã e torce pelo Fluminense. É ambidextro, tem mania de correr em automóvel e possui um Jaguar XK (esporte), uma Porche (idem) e uma caminhonete Dodge. Mora em Ipanema, tem casa em Itaipava e também em Cabo Frio, não costuma ir a cinema nem a teatro, prefere bater papo, o que faz com voz embrulhada, comendo sílabas.

Pergunto-lhe quantas vezes já foi à Europa, ou quantas horas de vôo tem.

— Como piloto, ao encerrar minha carreira, tinha pouco mais de 4.000.

— E como passageiro?

— Você sabe quantos quilômetros já viajou de taxi? — R. B.

Norte de S. João, Laje, Santa Cruz — e depois esses caminhos que se perdem no mato, essas prainhas que se abrem debaixo de umas árvores, entre dois rochedos.

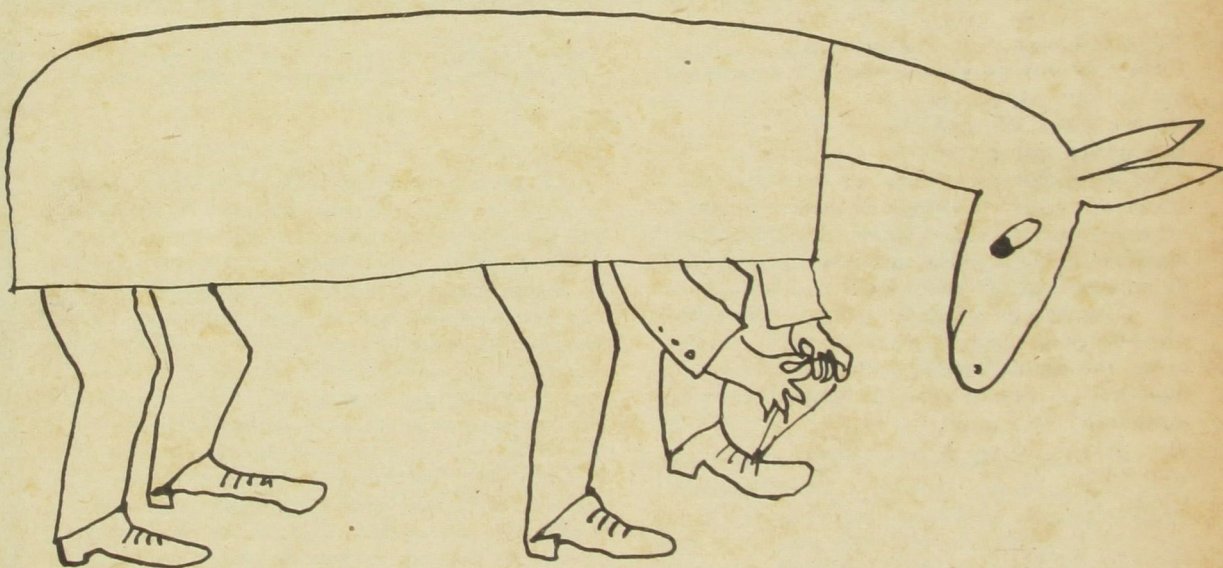
Não sei se estamos na Charitas ou em Jurujuba; de meu barco vejo, com preguiça, pequenas casas côr-de-rosa com janelas azuis. Eu escrevi — “meu barco” — e o barco não é meu. Mas neste momento está sendo. Entre as árvores, escondida, no morro do Cavalão, está a casa do Caloca.

O barco não é meu, a casa não é mais de Carlos Leão, mas a propriedade não é um furto, é uma pilhéria. Se nesta manhã de sol desapareço do escritório e fujo para as águas azuis, e levo amigos, e nos rimos, e bobemos pelas praias e ilhas, e comemos camarão frito na casca, e bebemos cervejinha gelada, e nos sentimos ainda mais amigos porque o mar é azul e o sol é louro — então alguma coisa, neste barco, já é eternamente minha.

Quem comprou a casa e as árvores de Carlos Leão no morro do Cavalão? Nem sequer sei o nome desse homem feliz, mas devo confessar a

êle que a sombra de mangueira é um pouco minha: êle não comprou a sombra. A sombra quem a faz é o sol, quem a azul é a lua, quem a deixa perene no ar, remota, mas fresca, é a saudade do que passou. E o tempo não vence a realidade mais profunda das coisas: dos pés que pisaram aquêle chão, de nós que ali respiramos, e sentimos e vivemos e sonhamos, alguma coisa ficou e vive. Não somos fantasmas: para nós essa gente que está morando hoje na casa é que são fantasmas — seres vagos, sem substância nem face. Eu me lembro de um momento, uma tarde, sob as árvores, sôbre o manso mar; o Rio de Janeiro parecia tremular na distância, havia um pássaro piando.

Lembro outros momentos. Mas o barco deixa longe, a boreste, perdida numa névoa de luz, Icarai. Lá ficou um ginásiano passeando pela praia, morando numa casa do Campo de S. Bento. Êle vai neste barco, já bordeja o velho forte, vai para uma praia qualquer entre palmeiras, vai distraído, deixando a melancolia na esteira das espumas, vai na proa, calado, sem pensar, quase sem sentir, apenas sentindo que está indo, que vai, sem nem querer saber para onde.



A NOITE

Aquela noite aconteceu que fui ao aeroporto. Chegava um avião de S. Paulo, isso me deu saudades, a noite estava linda e quando tenho um conto de réis no bolso sou homem para tudo; embarquei assim na raça, sem maleta nem escôva de dentes. S. Paulo continua fazendo teatro e cinema, o que é excelente, e também conversando e discutindo teatro e cinema, o que pode ser até necessário, mas cansa um pouco o ouvido.

Encontrei os amigos fortes e as amigas belas, e todos bons. Domingo à noite a Avenida São João vibrava em gentes e luzes. Passei o dia na chácara de uma gente simpática e esportiva, mas não me permiti violências corporais superiores a

meia partida de ping-pong; a alma, entretanto, continua atlética.

Depois chegou um vento do sul, trouxe chuva, e eu resolvi embarcar nêle, à noite, para o Rio. O novo aeroporto, ainda muito nu, e comprido, é antipático e triste; tive saudades do outro, que era apertado, mas alegre e cordial. Cheguei ao Rio pela meia-noite, debaixo de chuva, não arranjei táxi, fui até a Avenida e peguei um lctação. Dentro dêle estava Nássara, e contei a êle que lá em cima, onde eu viajara, além da chuva, estava um luar lindo, estrêlas brilhando no céu azul; e, debaixo do avião, as nuvens gordas, alvas, enluaradas, como colchões de sonho.

Depois que Nássara desceu na esquina de

Paissandú, o “chauffeur” do lotação me pediu que lhe repetisse a história.

— “Tem mesmo luar lá em cima?”

Confirmei; sim, acima da nossa noite preta e enlameada e torpe havia uma outra — pura, perfeita e linda.

“Mas que coisa...”

Êle ainda curvou um pouco a cabeça para olhar o nosso céu fechado de chuva. Depois continuou guiando mais lentamente; não sei se sonhava em ser aviador ou se pensava em outra coisa. Mas quando eu saltei êle me disse um “boa noite” e um “muito obrigado!” tão cordiais, tão sinceros, como se eu lhe tivesse feito um presente muito grato ao seu coração.